

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1.3000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
FORA D' AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1.3125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1.3500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

ORDEM DO DIA

Continúa ainda a ser o objecto de todas as conversações, publicas e particulares, o facto altamente criminoso de o governo de Sua Magestade guardar a mais criminoso reserva, relativamente aos insultos com que, na camara ingleza, aprouve brindarmos ao deputado Jacob Bright.

Somos considerados pela Inglaterra como «uma nação bancarroteira, uma nação de negreiros, uma nação de funcionarios corruptos, uma nação, que nem mesmo com a Turquia póde comparar-se, porque só é igual a si propria—uma nação desprezivel», emfim!

E contra tamanho insulto e tão brutal ameaça guardou o governo portuguez o mais religioso silencio! Enxovalhados fomos e enxovalhados ficariamos, se Luiz de Quillinan, um bravo portuguez e um valente militar, accudindo em defeza da patria ultrajada, se não tivesse lembrado de devolver ao insultador as torpissimas injurias que sobre nós cuspiu, o famigerado deputado J. Bright, a contento, ao que parece, do seu governo e dos seus collegas no parlamento britânico.

A redacção do «Povo de Aveiro» applaude entusiasticamente o activo e patriótico procedimento do major Luiz Quillinan e associa-se calorosamente a todas as manifestações, que n'este sentido tentem fazer-se no paiz.

Convém porém que tornemos os nossos leitores conhecedores do assumpto em questão e para isso damos a palavra ao nosso illustre collega sr. Ernesto Loureiro, por nos ser impossível fazer-o melhor do que se ex.^a o acaba de fazer.

A redacção.

Os despreziveis

Não bastam as felicitações enviadas pelo telegrapho e pelo correio ao brioso e valente portuguez, Luiz de Quillinan, para lavar a affronta que os cutileiros de Manchester mandaram arremessar á face de uma nação inteira pelo seu representante em côrtes.

Este deplo'ravel acontecimento que vae deshonrar-nos perante a Europa culta, se não soubermos repellir nobremente a audacia do quaker cervelheiro e cobarde, veiu derivar o sentido da questão principal, que ha tempos se levantou a proposito do contracto Brazza.

É preciso recordal-o. Expoliam-nos summariamente dos nossos dominios ultramarinos, e depois cospem-nos o insulto vil.

Logo veremos quem são os bancarroteiros, os despreziveis, os corruptos.

Recapitulêmos os acontecimentos. Em 1810 celebrou a Inglaterra um tratado com Portugal, em que foram reconhecidos os nossos direitos aos territorios de Cabinda e de Moembo, que limitam pelo norte os nossos dominios na costa occidental africana.

Bastaria este tratado para ratificar perpetuamente, pelo menos para com a Inglaterra, o nosso direito ao dominio d'aquellas paragens descobertas e conquistadas pelos nossos antepassados. Assim succederia se tratassemos com uma nação leal e amiga.

Mas ha mais. Pelas convenções de 1815 e de 1817 foi novamente reconhecido pela

Inglaterra o direito de Portugal áquelles territorios.

Porém aquelle paiz auctoritario e egoista precisa do mundo todo para mercado dos seus poderosos industriaes, enquanto deixa morrer de fome e regelados os laboriosos operarios que fomentam a riqueza publica.

Pouco tempo bastou para que a Inglaterra nos desse a contra-prova da sua palavra honrada.

Foi preciso aos senhores de Portugal sollicitar a intervenção ingleza para conter em respeito as nobres aspirações democraticas dos homens de 1845.

Quereis saber o que aconteceu? qual foi o primeiro sollicitado em troca?

Um corso, um pirata saxão qualquer, pretendeu introduzir clandestinamente contrabando no Ambriz. As auctoridades portuguezas repelliram-no; e a proposito d'este incidente levantou-se uma questão diplomatica acerca dos limites do nosso dominio, como se este não estivesse definitivamente estabelecido, e reconhecido pela Inglaterra.

Essa questão dura ainda hoje e é d'ella que se deriva o sujo pleito que n'este momento se debate.

Mas, examinêmos os argumentos com que a nossa «aliada» tentava apropriar-se de mais de cincuenta legoas de costa e de uma faxa de territorio correspondente dos nossos dominios africanos.

Trocavam-se as notas diplomaticas entre os dois governos, quando em 1850, a 9 de novembro, o ministro inglez em Lisboa, teve a seguinte luminosa idéa:

«Em 1817 havia muita ignorancia de geographia, e foi só nos fins do anno de 1847 que o secretario dos negocios estrangeiros da Grã-Bretanha soubera que o Ambriz se achava situado ao norte da parte da costa africana cuja soberania fóra reconhecida pela convenção de 1817!»

E' inaudito, mas é authentico.

Hoje não invocam pretextos. Chegam-se ao pé de nós com os punhos cerrados, e dizem-nos:

Sois uns CORRUPTOS, UNS BAN-

que o som não seguia o movimento. Vi tambem, durante alguns momentos de horror delirante, ondular suave e quasi imperceptivelmente as negras tapeçarias que revestiam as paredes da sala. E enão a minha vista pousou sobre os sete grandes castiças collocados em cima da meza.

Primeiro tomaram o aspecto da caridade e appareceram-me como anjos brancos e esbeltos que me vinham salvar; porém logo, e de repente, invadiu-me a alma uma náus a mortal e senti cada fibra do meu ser estremecer como se a houvesse tocado o fio d'uma pilha voltaica; e as formas angelicas tornavam-se miseros espectros de cabeças a arder, reconhecendo ben que nenhum recurso tinha a esperar d'elles. N'esse momento acalentou-me a imaginação, como dulcissima nota musical, a ideia do repouso delicioso que nos espera no tumulo. A ideia veio docemente, furtivamente, e pareceu-me que foi preciso um longo tempo para a apreciar em completo; mas, no instante mesmo em que o meu espirito começava por fim a gozar a e affagal-a, as figuras dos juizes dissiparam-se por encanto; os grandes castiças reduziram-se a nada; as velas que n'elles ardiam apagaram-se de todo; a escuridão das trevas surgiu; todas as sensações se afundaram como n'um abysmo tremendo da alma nas Hades. E o universo resumiu-se em noute, silencio, immobilitade só!

Estava desallecado, todavia não tinha a consciencia perdida de todo. O que d'ella me restava não tentarei defini-lo, nem mesmo descrevel-o; porém não estava tudo perdido. Nunca se perde tudo, nem o somno profundo, nem no desmaio, nem no delirio, nem na morte, nem no tumulo até, de contrario não existiria a immortalidade do homem. Acordando d'um somno pesadissi-

mo despedaçamos a téa tecida por qual quer sonho. Entretanto passado um segundo—tão fragil era o tecido—não nos lembramos mais de que sonhamos.

Ora volta a vida d'um desmaio ha dois graus: o do sentimento da existencia moral ou espirital, o do sentimento da existencia physica.

Paee provavel que se podessemos evocar as impressões do primeiro grau, chegando ao segundo, n'ellas encontraríamos as recordações eloquentes do imaginario abysmo. Qual é o abysmo? Como distinguir ao menos as suas sombras das do tumulo?

E não obedecendo ás impressões do que eu deitomei o primeiro grau ao chamamento da vontade, não appareo em ellas naturalmente, ainda assim, para lhandonos com o desconhecido da sua procedencia?

Sómente aquele que um dia soffreu um desfallacim u o pode descobrir estranhos palcos e restos d'uma familiaridade extravagante em branzeros ardentes; contemplar, fluctuando no espaço, as m laeolicas visões que o valgo n'o observa; meditar sobre o perfume de qualquer flor desconhecida; embrenhar-se no mysterio de qualquer melodia, que nunca até ahí lhe atrahira a attenção.

No meo dos meus esforços repetidos e intensos, do minha applicação energica a encontrar algum vestigio d'esse estado do nada que a minha alma se transportara, houve momentos em que julguei conseguil-o; houve curtissimos instantes em que repellil lembranças que a minha razão lucida me dizia, n'uma epocha posterior, só poderem relacionar-se com o estado em que a consciencia se aenquiera. Essas reminiscencias vagas mostravam-me muito indistinctamente

CARROTEIROS, UNS DESPREZIVEIS, não merecis a soberania das regiões conquistadas pelos vossos honrados antepassados. Ponde p'ra'qui tudo! Largae a Africa, como entregastes a India, como perdestes o Brazil pela nossa politica machiavelica e pela ineptia do vosso senhor natural!

Não é com vossas declamações que se resgatam affrontas d'estas lançadas ás faces de cinco milhões de habitantes.

Uma NAÇÃO DESPREZIVEL!!

É preciso que o paiz acorde e diga a esses homens que nos arrastaram á humilhante situação em que nos achamos:

«Vós é que sois os bancarroteiros, os corruptos, que em cincoenta annos de regimen monarchico constitucional soubestes elevar a dívida publica á enorme cifra de quinhentos mil contos de réis!»

«Nós somos o povo honrado e laborioso que trabalha e sua para vos sustentardes no poder, e repartirdes o fructo do nosso trabalho com a turba faminta que vos rodeia.»

«Vós é que sois os despreziveis, porque, chegando-vos o dinheiro para as ostentações de um cesarismo inutil, sobre-carregae o povo de impostos, protegeis os poderosos, deixae morrer de fome os professores de instrucção primaria, e permittiu com o vosso silencio criminoso que sejassem arrastados á face do mundo civilizado como uma nação abjecta e miseravel.»

«Vós é que sois os corruptos.»

«Se alguém ha que não permite que entreguéis os passaportes ao ministro da nação que nos exp.lia e nos insulta pela bocca dos seus eleitos, largae o poder, e dae assim uma satisfacção ao povo honesto e digno.»

«Do contrario sereis solidarios com os insultadores e com os expoliadores.»

Ernesto Loureiro

O ESPIRITO CATHOLICO

Á Igreja catholica apostolica romana causa pavor o pensamento livre,

porque ella, que é em tudo uma immensa affirmacção do despotismo tanto nos seus dogmas como nos seus preceitos, não poderá jámais ver com agrado o espirito da liberdade.

D'ahi os continuos nitrages á razão humana, declarando-a perigosa nos seus desvairements, declarando absurdos e erroneos os principios da pura philosophia racionalista. D'ahi as maldições infames cahidas do alto das varandas do Vaticano sobre a Sciencia moderna. D'ahi os anathemas á Revolução, quer esta sea firme no campo religioso ou no campo philosophico, no campo politico ou no social. Roma quer dominar pelo seu dogma desmarcado pela Historia e pelos seus mysterios desvendados pela Sciencia, e isto em pleno seculo XIX! Quer resurgir a idade-media no limiar do seculo XXI!

Affeita a dominar com mão de ferro as gerações, por meio do seu dogma despotico, nós vimos ainda Roma proclamar no seculo em que vivemos a infallibilidade dos Borgias e dos Farnesios!

Como nota um celebre philosopho, onde quer que exista a infallibilidade póde existir tambem a Inquisição.

Pois Roma arroga-se tambem o direito de coacção. Não basta só expor os dogmas na sua formula ordinaria: é necessario acrescentar no fim:—ou creis ou morres—d'antigas eras.

Roma julga-se com direito a exigir dos governos que forcem o povo a acquiescer á sua idolatria desprezível. Se os governos são catholicos apostolicos-romanos, apoiados no ultramontanismo, vivendo dos jesuitas, para os jesuitas e pelos jesuitas, cedem então ás rogativas de Roma, e aqui levantãse uma força, e alem accende-se uma fogueira.

Tal é o espirito do catholicismo.

Agora nós, os liberaes, os livre-pensadores, aquelles que pensamos n'um melhos futuro para a Humanidade toda, poderemos continuar mais tempo vergados á tyrannia moral e á coacção d'essa Igreja, que adulterou os Evangelhos, introduzindo-lhes o espirito do Alkorão?—Não
Ou catholico, vergando o dorso aos

me tinha succedido. Estava impaciente por abrir os olhos mas não me atrevia a fazel-o. Tinha a primeira impressõ dos objectos, que me rodeavam. Não por receiar ver coisas horribes, mas porque me assustava a ideia de não ver nada. Por fim sempre os abri com extraordinaria angustia. As minhas suspiradas horribas confirmavam-se. Envolviam-me o negrume da noite eterna. Tentei respirar. A intensidade das trevas opprimiam e suffocavam-me. A atmosfera estava intoleravelmente pesada. Deixei-me ficar pacificamente deitado e fiz um esforço para pensar.

Lembrava-me dos processos da inquisição e de tal lembrança podia fazer o ponto de partida para deduzir a minha posicão real. Parecia-me que se tinha passado um longo intervallo de tempo, desde que fora pronunciada a sentença. Entretanto nem por um segundo imaginei que estivesse morto de facto. Tal ideia, apesar de todas as ficções litterarias, é inteiramente incompativel com a existencia real;—perem onde estava e em que estado? Eu sabia que os condemnados a morte morriam de ordinario nos autos de fé. Na tarde mesmo do dia do meu julgamento teve lugar uma solemnidade d'essa ordem. Teria eu sido reintegrado no meu calabouço para esperar o proximo sacrificio publico, que não se realisaria senão d'ahi a mezes? Isso não podia ser vi-o rapidamente. O contingente das vicimas já estava determinado; demais, o meu primeiro calabouço, como todas as celas dos condemnados em Toledo era calçado de pedras e ainda n'elle penetrava uma certa luz.

N'um instante passou-me pela cabeça uma ideia horrorosa que me fez affluir a coracção e sangue em torrentes, lançando-me outra vez n'uma insensibilidade profunda. Quando voltei a mim, ergui-me d'um salto

Golhetim

EDGAR POE

O POÇO E A PENDULA

Eu estava moído, mortalmente moído por esta longa agonia; e, quando emfim me consegui assentar depois de me terem desatado senti, que perdia os sentidos. A sentença—a terrível sentença de morte,—foi a ultima phrase distinctamente accentuada que me feriu os ouvidos. Depois, pareceu-me que o som da voz dos inquisidores se afogava no zumbido indefinido d'um sonho. Esse ruido estranho trazia-me ao espirito a ideia d'uma rotaçõ,—talvez porque na minha imaginação se associava á da roda d'um moinho. Mas pouco durou isso; deixei d'ouvir tudo de repente. Todavia durante algum tempo ainda, eu vi e com que terrível exaggeração meu Deus! Eu via os labios dos juizes de toga preta. Pareciam-me brancos, mais brancos do que o papel em que traço estas linhas—e adelgacados até ao grotesco; adelgacados pela intensidade da sua expressõ de dureza, por uma resoluçõ immutavel por um desprezo rigoroso pela dor humana.

Eu via que emanavam ainda d'esses labios os decretos d'aquelle que para mim representava o Destino. Vi-os mexer n'uma phrase de morte. Afilgurou-se-me que articulavam o meu nome e estremeci, sentindo

dogmas imbecis, ou livre-pensador pedindo somente luz e Razão, illuminadora da Fé.

Ou catholico, aceitando a realza temporal do papa, e o dominio temporal do catholicismo, com as suas fogueiras e o seu largo sudario de torpezas, com o massacre dos albigenes, com os delirios de Carlos IX, o algoz dos huguenotes; ou liberal, aceitando como theoremas os direitos do homem proclamados pela grande revolução de 89, e como corollarias todas as conquistas modernas da Democracia.

Não são possiveis as hesitações. Ou pelos reis, ou pelo povo; ou pelo papa, ou pela liberdade; ou pelo despotismo, ou pelo progresso. O espirito catholico é a noite e nós demandamos o sol.

Ismael

LUIZ QUILLINAN

É este o nome do bravo e valente addido militar á embaixada portugueza em Londres que enviou a sir Jacob Bright, o insultador da patria de Camões, uma carta cheia de reprehensões, severas terminando por um desafio em forma.

O signatario que se honra de conhecer pessoalmente tão brioso quanto distincto official, julga do seu dever patentear publicamente o jubilo que lhe causou a leitura da carta dirigida ao insolente deputado que insultara a nação portugueza.

Alto ter aquellas phrases de ferro com que um portuguez averganhava as faces de quem tivera o arrojo de insultar miseravelmente esta terra que servira de berço ao valente militar, nós que regeitamos a ideia egoista d'uma patria exclusiva e que apenas reconhecemos como patria—o Universo e por familia— a Humanidade, sentimo-nos ensoberbeecer pela esplendida lícção applicada ao tal Bright.

O major Luiz Quillan é natural do Porto, (onde tambem nasceu o auctor d'estas linhas) freguezia de Cedofeita, e filho do antigo negociante da praça do Porto, João Thomaz Quillinan.

Em todos os cursos que seguiu foi sempre um estudante distincto do collegio dos Orphãos, onde recebeu a educação. Depois de militar tem sido sempre um militar brioso tendo sido honrado com elevadas distincções por mais que uma vez.

Casou em Lisboa com a condessa das Antas, viuva do general do mesmo titulo a quem Luiz Quillinan tinha acompanhado em 47 fazendo parte do seu estado maior.

Actualmente o seu nome era pouco conhecido em Portugal até que o seu recente acto de galhardia e valor, veio fazer recordar o humilde alumnão

do collegio da Graça. A esta hora todo o reino conhece já com que letras se escreve o nome do destemido official que por forma tão bisarra soube procurar a desafronta d'un povo ultrajado por um homem e defendido por outro.

Os applausos que se fizeram em volta do acto sympathico do major Quillinan provam-nos que não está tão morto, como o julgavamos, este povo de gloriosas tradições. E esses applausos hão de encher de alegria o coração do nobre filho d'esta nobra terra, que assim se vê acompanhado pelas adhesões enthusiasticas d'aquelles que defendeu contra as diatribes d'um Bright qualquer, atrevido e pouco decente.

A. Bessa

Ao intrepido e valente major LUIZ QUILLINAN pelo seu acto de galhardia e firmeza de caracter, castigador da ignorancia malcreada de Jacob Bright, felicita e cumprimenta A redacção do «Povo d'Aveiro»

HOMENAGEM A QUILLINAN

A Associação Philantropica dos Estudantes d'Aveiro, reunida no dia 19 em sessão extraordinaria, deliberou, por proposta do seu presidente, enviar ao bravo major LUIZ QUILLINAN, a seguinte manifestação:

III.º e Ex.º Sr.

A Associação Philantropica dos Estudantes d'Aveiro reunida em sessão extraordinaria, manifesta-vos a sua mais sincera sympathia e admiração pelo desassombrado rasgo de patriotismo que acabae de praticar, repellindo briosamente a affronta do deputado inglez por Manchester, Jacob Bright, feita na camara dos communs á nação portugueza.

O vosso desforço é digno d'un portuguez de lei e das tradições gloriosas d'uma nação secular, que tem o seu nome appenso ás grandes conquistas do progresso, e na sua historia exuberantes documentos de nobresa e vitalidade.

Unindo o seu brado d'enthusiasmo á voz unisona do paiz, que magestoso e imponente se ergue para vos saudar, esta associação cumpre um dever indeclinavel e sentem-se os seus membros orgulhosos por serem vossos compatriotas e vossos irmãos.

Procurei por isso o punhal que trazia no bolso quando me conduziram ao tribunal, mas havia desaparecido com os meus fatos que os carcereiros substituíram por um habito de sarja ordinaria. Tencionava enterrar a lamina n'alguma pequena fenda do muro, para me servir de ponto de partida. A dificuldade que á primeira vista, na desordem que reinava no meu espirito, me parecia insuperavel, era entretanto pequena. Cortei uma parte da orla do habito e estendi-o no chão ao comprimento formando um angulo recto com o muro. Seguindo o meu caminho ás apalpadellas em volta da masmorra havia d'encontrar necessariamente o farrapo ao terminar o circuito. P lo menos assim julgava, porque não contava com a extensão da masmorra, nem com a minha fraqueza. O terreno era humido e escorregadio; durante certo tempo continuei a andar cambaleando, depois escorreguei e caí. A fadiga extrema que me dominava resolveu-me a ficar deitado e depressa me surpreendeu o sono.

Acordando estendi um braço e encontrei ao meu lado um pão e uma bilha d'agua. O meu estado de prostração não me permitiu reflectir sobre esta circumstancia e comi e bebi avidamente. Em seguida recommencei a viagem em volta da prisão, chegando ao farrapo de sarja com excessiva difficuldade. No momento em que cabi tinha contado 52 passos, com mais 48 que contei da segunda vez dava-me o total de 100 passos; ar suppondo que uma jarda se compõe de dois passos era de 50 jardas o circuito da masmorra.

Não ligava grande interesse, e nenhuma esperança certamente, a estas indagações; contudo uma viva curiosidade m'impelliu a continuá-las.

Dignai-vos, pois, aceitar a manifestação d'estes sentimentos tão sinceros como exonta eos, pois que elles nascem de coração, que, como vós, estão saturados d'amor á nação portugueza.

III.º e Ex.º Sr. Luiz de Quillinan.

Sala das sessões da Associação Philantropica dos Estudantes d'Aveiro, 19 d'abril de 1883.

(Seguem as assignaturas.)

Um repto A ALGUNS ZOILLOS DA VILLA DA ANADIA

Suppõe muita gente que o facto do

signatario d'estas mal traçadas linhas collaborar só em jorpaes de feição republicana, que é por motivo de vaidade, quando afinal de contas esse proceder não denota senão, (creio eu) independencia de caracter, isenção politica e sobretudo coherencia e rectidão nos actos publicos da sua vida de cidadão.

Uma vez por todas nós responderemos a esses pigmeus censores, dizendo-lhes que—podem á vontade criticar a nossa prosa; pagam-lhe para esse fim e por tanto estão no seu elemento—.

Não têm ideias, e lembram-se que apenas possuem estomago.

Esses criticos de alcorce que só tem coragem de morder na cascata dos trabalhadores honestos e conscientes, desafiamol-os a que venham a esta tribuna da imprensa, refutar ou contrariar os nossos argumentos.

Mas temos a certeza de que o não farão. Porque covardes e miseraveis a sua guerra é surda e nas trevas, tem a sua semelhança ras toupeiras por quem amam a escuridão, e são o mais perfeito fac-simile do jesuita.

Dada esta explicação a todos os meus correligionarios, quero comprovar que os jornaes republicanos não devem ter receio de aceitar a collaboração ainda que humilde de quem a energia de em todos os actos da sua vida mostrar-se ardente e entusiasta defensor dos principios sacratissimos da verdade e da justiça.

Os meus nervos affrouxavam por um longo soffrimento, até já tinha medo do som da minha primeira voz e aos olhos dos algozes estava convertendo n'um ex-celente modelo para a especie de tortura, que me esperava.

Convuão, voltei de novo para o muro ás apalpadellas—resolvido antes a deixar-me morrer extenuado do que a affantar o horror dos pogoos que a minha imaginação agora multiplicava nas trevas do calabouço. Numa outra occasião teria tido a coragem de acabar com todas as misérias precipitand-me de chofo no abysmo; mas n'este momento era um perfectissimo covarde. Demais, era-me impossivel esquecer o que havia lido sobre os pogoos, dizia-se que a Inquisição, por um plano diabolico, conseguira excluir d'elles a morte repentina, que os condemnados suppunham á priori a vista encontrar precipitando-se lá.

Conservei-me acordado longas horas, até que o cançoço me prostrou de novo. Despertando, encontrei ao lado, como da primeira vez, um pão e uma bilha d'agua. Esvaziei a bilha d'un trago para matar a sede ardente que me devorava. Na agua havia necessariamente qualquer droga, porque mal a acabei de beber, atacou-me um sono irresistivel, que parecia o sono da morte. Quanto tempo elle durou não sei; mas, quando abri os olhos, eram visiveis os objectos que me cercavam. Graças a uma luz singular, sulfurosa, cuja origem debalde tentei descobrir, pude examinar o tamanho e o aspecto da prisão Enganava-me redondamente no tamanho. As paredes não podiam ter mais de 25 jardas de circunferencia. Esta descoberta affligiu-me de veras, afflicção bem pu-ril na verdade, porque nas circumstancias terriveis em que me encontrava não podia haver nada de menos importante que as dimensões da prisão. Mas a minha alma ligava um interesse exquisito a estas ninharias.

Alonguei o braço e estremei descobrindo que cabria na borda d'un pogo circular, cuja altura não podia reconhecer por forma alguma. Apalpando a alvenaria até abaixo do local, obtive deslocar uma pequena pedra que arremessei ao abysmo. Ouvi-a por alguns segundos bater nas paredes do pogo; por fim produziu na agua um som lugubre, que se repercutiu ruidosamente. N'este instante senti por cima da cabeça um ruído simultante ao d'uma porta que se abre e fecha logo, ao mesmo tempo que um fraco raio de luz atravessava a correr a prisão, extinguindo-se de repente.

Que horror! Vi claramente o destino que me prepararam e felicitei-me pelo accidente que me salvara. Mas um passo e teria desaparecido do mundo.

E agora nem mais uma palavra aos faes zollos d'esta Villa. Podem á vontade esbravejar e vociferar contra o signatario d'este repto que o não assustarão nem o farão praguejar ou demover nos seus intuitos, e hoje como sempre assignará todos seus artigos sem receio os da critica mal fazeja dos monarchistas que estão presos a essa instituição anarchronica e maldicta, pela conveniencia e pelo estomago.

Anadia, abril de 1883.

Elpidio Pereira.

BAIRRADA

Inauguramos hoje uma secção destinada á politica, ás noticias e aos interesses agricolas da Bairrada. Esta região, que faz parte do nosso districto e é decerto a mais notavel pela importancia e riqueza do seu primeiro producto—o vinho—vae merecer ao nosso modesto jornal a mal disvellada attenção, e as suas columnas, sempre francas para as discussões de utilidade publica, occupadas que sejam por assumptos que digam respeito á Bairrada, não serão, acreditamol-o menos dignos de interesse pela feição local que esta secção vae imprimir-lhes.

Trata-se d'uma circumscripção composta de 3 concelhos onde o solo, uberrimo como é, produz um dos nossos melhores typos de vinhos de embarque, cuja reputação vae tomando grandes dimensões. Uma região que pelo caracter independente de seus habitantes, vivendo do labor da terra á qual devem a sua prosperidade e o bem estar, parece fadada para ser a primeira no nosso districto a gosar das verdadeiras immuniidades populares, governando-se sem tutellas de casa e sem oppressões estranhas. Uma região, enfim e que pela natureza do solo, pela amenidade do seu clima, pela topographia da sua situação, pelos costumes do seu povo, parece destinada a não ceder o passo a nenhuma outra do districto nas conquistas modernas do trabalho, tanto com relação ao aperfeçoamento da sua agricultura, como ao culto da liberdade pelo triumpho das ideias democraticas, cuja corrente, atravessando os grandes centros de população, tem chegado já ás mais reconditas aldeias.

Pela nossa parte, obscurosromeiros n'esta peregrinação, com os nossos interesses ligados ao futuro da viticultura portugueza e com o coração sobre a causa do povo, que é a unica politica que esposamos, não deixaremos jamais de concorrer, consoante as nossas forças para o engrandecimento d'esta abençoada localidade, e, tratando dos interesses que lhe são caros, faremos por ser justos e verdadeiros, que

Os meus nervos affrouxavam por um longo soffrimento, até já tinha medo do som da minha primeira voz e aos olhos dos algozes estava convertendo n'um ex-celente modelo para a especie de tortura, que me esperava.

Convuão, voltei de novo para o muro ás apalpadellas—resolvido antes a deixar-me morrer extenuado do que a affantar o horror dos pogoos que a minha imaginação agora multiplicava nas trevas do calabouço. Numa outra occasião teria tido a coragem de acabar com todas as misérias precipitand-me de chofo no abysmo; mas n'este momento era um perfectissimo covarde. Demais, era-me impossivel esquecer o que havia lido sobre os pogoos, dizia-se que a Inquisição, por um plano diabolico, conseguira excluir d'elles a morte repentina, que os condemnados suppunham á priori a vista encontrar precipitando-se lá.

Conservei-me acordado longas horas, até que o cançoço me prostrou de novo. Despertando, encontrei ao lado, como da primeira vez, um pão e uma bilha d'agua. Esvaziei a bilha d'un trago para matar a sede ardente que me devorava. Na agua havia necessariamente qualquer droga, porque mal a acabei de beber, atacou-me um sono irresistivel, que parecia o sono da morte. Quanto tempo elle durou não sei; mas, quando abri os olhos, eram visiveis os objectos que me cercavam. Graças a uma luz singular, sulfurosa, cuja origem debalde tentei descobrir, pude examinar o tamanho e o aspecto da prisão Enganava-me redondamente no tamanho. As paredes não podiam ter mais de 25 jardas de circunferencia. Esta descoberta affligiu-me de veras, afflicção bem pu-ril na verdade, porque nas circumstancias terriveis em que me encontrava não podia haver nada de menos importante que as dimensões da prisão. Mas a minha alma ligava um interesse exquisito a estas ninharias.

só assim comprehendemos que se tornará digna a missão que livremente nos impoemos.

CARTAS

Lisboa 20 de abril.

O assumpto geral das conversações é a questão do Zaire. Ante-hontem correram por toda a cidade boatos persistentes de crise ministerial.

O conselho de ministros reuniu-se alta noite. Para quê? Ninguém sabia. Porque morreu a rainha d'Inglaterra, diziam uns. Porque se recebeu uma nota enérgica do governo inglez relativa ao conflicto Quillinan, diziam outros. Porque chegaram d'África noticias assustadoras, havia ainda quem dissesse. A verdade, porem, ignorava-se. O facto do rei não assistir em S. Carlos, aonde promettera ir, ao beneficio da cantora Reské parecia indicar de facto que havia alguma coisa de grave, e a partida do sr. Fontes para o Paço ás duas horas da noite confirmava o boato de crise ministerial.

Os regeneradores negando a crise, affirmam que o conselho se reuniu para resolver negocios urgentes mas de simples administração e que o sr. Fontes conferenciou com o rei por causa da partida d'este para Madrid. Ora essa! Então que diabo de alto negocio d'Estado anda envolvido na viagem das magestades, que é preciso conferenciar a tal respeito ás duas horas da noite? Não ha tempo para fallar de dia sobre a bambuchata de Madrid?

Os regeneradores mentem, como se vê. Ninguém acredita que se tratem viagens pela madrugada.

O motivo da reunião do conselho foi certamente, digam lá o que quizerem, a questão do Zaire. O governo assustou-se com o telegramma que lhe enviou o governador d'Angola dando-lhe parte da tomada de Luango e Ponta Negra pelos francezes e como o sr. Fontes não é homem para cavallarias altas tratou logo de preparar a mala para se safar. Que se safe ou não pouco nos importa e até gostavamos agora de brincar um pouco com os srs. progressistas ou os srs. constituintes, com que temos largas contas a ajustar; mas havemos de concordar que é ignobil o procedimento do vice rei de Portugal. Emquanto o barco nada em mar de rosas vae tudo bem, gasta-se dinheiro á fartá, exerce-se favoritismo largo, enche-se a barriga aos compadres e entretanto estende-se o pernil na Calçada dos Paulistas; mas assim que as ondas se encapellam, toca a pôr a andar e quem vier que se arranje.

Deixemos, porém, isso. A troupe monarchica que ajuste lá essas contas entre si e fallemos de cousas serias.

Os negocios do Zaire complicam-se deveras. Os nossos interesses perigam n'aquellas regiões. Os francezes, que deram á ultima hora em conquistado-

Tratei d'averiguar o erro commettido na medição e afinal descobri a verdade. Na primeira tentativa d'exploração havia contado 50 passos até ao momento de cair; n'esse momento devia estar a um ou dois passos do bocado de sarja e portanto tinha da lo uma volta quasi completa a masmorra. Adormeço então e quando acordei, em lugar de avançar para a frente voltei para trás, crendo assim um circuito duplo do real. A confusão em que estava não me permitiu notar que principiara a viagem tendo a parede á esquerda e que acabava com ella á direita.

Tambem me tinha enganado relativamente á forma do recinto. Apalpando a parede julguei encontrar varios angulos e dahi former a ideia d'uma grande irregularidade, tão pueroso é o effeito d'uma escuridão completa em quem sabe da lethargia ou do somno! Os taes angulos eram produzidos por umas simples depressões com intervallos desiguales. A forma geral do calabouço era um quadrado. O que eu tomara por alvenaria parecia-me agora ferro ou m-t-l, dividido em chapas enormes, cujas rutivas e juntas occasionavam as depressões. A superficie inteira d'esta construção metalica estava grosseiramente pintada de emblemas horrendos e repellentes, productos da suprestição sepulchral dos frades.

Figuras de demónios, com ares amegalhadas, com formas de esqueleto e outras imagens horriboras sujavam as paredes ou toda a extensão. Observei que eram distinctos os contornos d'estas monstruosidades, mas que tinham as cores desbotadas e alteradas, por effeito, talvez, d'uma atmosfera humida.

Olhei então para o solo, que era de pedra. No centro estava o pogo circular de cujas gnelias escapei. Só havia um no calabouço.

com os cabellos eriçados, n'um tremor convulso que me agitava a ultima fibra. Estendi os braços locamente para deante, para os lados, em todas as direcções. Não sentia coisa alguma; recejava, contudo, dar um passo com medo d'esbarrar nas paredes do meu tumulo. O suor rebentava-me por todos os poros gelando-se-me em grandes gotas na testa. A agonia da duvida tornou-se em breve intoleravel e principiei a avançar com precaução, com os braços estendidos, com os olhos a saltarem fóra das orbitas, anciosos, por descobrir um tenuissimo rão de luz. Dei alguns passos, mas tudo era escuridão e deserto. Respirei livremente e cheguei-me até a convencer de que o meu destino não era dos peiores.

E como continueasse a avançar com cautella, vieram-me á memoria tumultuariamente os mil boatos que corriam sobre os horrores de Toledo.

Contavam-se estranhas cousas d'esses calabouços,—que eu tinha sempre considerado como fabulosas,—tão estranhas e assustadoras que era preciso repetir-as baixinho.

Ah! teria eu de morrer de fome n'este mundo subterraneo de trevas, ou esperava-me um fim mais horrendo ainda?

Que linha de morrer e d'uma morte de torturas especies sabia-o eu, nem o caracter dos juizes que conhecia bem me deixavam duvidas a tal respeito; o que me occupava e atormentava era o modo e a hora. As minhas mãos encontravam um obstaculo solido. Era um muro, que parecia feito de pedras, muito liso, humido e frio. Segui ao longo d'elle, ás apalpadellas, com a desconfiança que m'inspiraram certas historias. Esta operação, porem, não me permitia verificar a dimensão do calabouço porque não podia marcar o ponto de partida para voltar a esse mesmo ponto, visto o muro ser perfeitamente uniforme.

res por causa d'aquella maldita mania colonial que se lhe metten na cabeça e que lhes hade acarretar graves dissabores, vão occupando os pontos limítrophos dos nossos. Isto é grave porque não obstante os francezes não entrarem nos nossos domínios sempre os temos á porta e com a nossa criminosa inercia não podemos resistir á concorrencia terrível que nos farão. Depois ter visinhos poderosos e com ambições!...

Todavía não é d'ahi que nos vem o peor mal. Da Inglaterra, que nos insulta, que nos desacredita, que nos rouba, é que devemos receiar tudo. A Inglaterra mina-nos por todas as formas o nosso poder colonial. N'este instante chegam noticias de Angola dizem-nos que os inglezes fazem n'aquella provincia uma propaganza terrível contra Portugal. E é assim por toda a parte. Desenganemo-nos, o bandidismo inglez não descançará, enquanto nos não sugar a ultima gota de sangue.

Aquelles miseráveis, que devem principalmente a Portugal o que são hoje, não estão ainda satisfeitos com o que nos roubaram. No conflicto do Zaire mesmo são elles talvez os maiores culpados. Quem nos diz a nós que a França não procede d'accordo com a Inglaterra?

Quem nos assegura de que a Inglaterra, que lesou a França no Egipto, a não deixa proceder em Africa livremente? Eu ainda me não esqueci das conferencias que o sr. Gladstone teve n'outro dia em Pariz com o sr. Grey e o sr. Ferry.

E' bem feito. Se o governo, em lugar d'entrar em negociações com a Inglaterra as encetasse com a França generosa e cavalheiresca é bem possivel que as cousas houvessem tomado outro curso. Preferiu agerrar-se ás abas da nossa *fiel aliada* e eis o resultado. Somos insultados no parlamento inglez e roubados ainda em cima.

Desengane-se o povo por uma vez. A monarchia ha de matar em breve completamente este paiz.

Se não destruímos essa vil realenza que nos esmaga com impostos, que nos traz n'um incrível estado d'atraço e se não fóra isso já o celebre Jacob Bright não teria que dizer, e que nos vende á Inglaterra, Portugal será em breve eliminado do mappa politico das nações da Europa.

Continuam a chover em Londres de todo o paiz as felicitações dirigidas ao bravo major Luiz Quillinan. O acto patriótico d'aquella official excitou vivamente o povo portuez, indício certo de que o patriotismo ainda não morreu entre nós. Consola nos, nos momentos em que mais descremos na salvação futura de Portugal, vê-lo levantar unisono a pugnar pelos seus brios e honra indignamente ultrajados. Isto ainda não está tão morto como parece. Todavía não é com estes entusiasmos momentaneos que se salva a nação. Passado o primeiro momento de delirio voltarão tudo á mesma e Portugal irá descendendo, descendo, descendo, no abysmo a que o lançaram.

Se toda essa gente que comprimenta com razão e justiça o bravo official Quillinan fosse reunida ao paço da Ajuda pedir ao rei satisfações pelo estado de decadencia a que arrojou Portugal e voltando por casa do sr. Fontes o mimoreasse com umas *festinhas*, então é que poderíamos dormir tranquilos com a certeza de havermos cortado o mal pela raiz.

—O que fará o partido republicano n'esta occasião? Estarão os homens que o dirigem resolvidos a proceder inerciamente? Veremos. Toda a gente reconhece a necessidade d'um comicio em que se proteste contra os insultos inglezes e se desenvolva largamente a questão Africana para conhecimento do povo.

Era bom que o convocassem.

Y.

Porto, 18 d'abril de 1883

Meus amigos

Até á hora que vos escrevo não se sabe ainda quem virá substituir na chefatura d'este districto o dr. Moreira da Fonseca, ultimamente demittido como vos noticiai na passada carta. Fal-

ta-se em diversas pessoas mas não ha nada resolvido que seja do dominio publico. O que é certo é que o partido regenerador se vê seriamente embaraçado para encontrar um homem da sua confiança, com as habilitações requeridas para aquelle cargo. Isto prova, o que todos sabem, que o partido governamental com os seus desperdicios e *arranjos* tem feito afastar de si todos os poucos homens dignos que o acompanhavam. Que se esphacelle á vontade enquanto nós cá da tribuna gosamos o espectáculo e applaudimos as cambalhotas da choldra. Gosamos mas pagamos e ahi é que nos doe.

—Partiram hontem para Coimbra os irmãos Pinauds, uns excetricos artistas americanos que aqui tem exhibido no theatro do Principe Real as suas piruetas engraçadas, a sua agilidade diabolica e o seu humorismo brilhante. Denominam-se a si mesmo com o cognome de *diabos elasticos do norte* e são com effeito, trez diabos, mas diabos do *bom tom*, diabos do *high-life*.

Os trabalhos, até hoje não egualados, são dignos de ver-se pela originalidade de que se revestem e pela perfeição e precisão com que são executados.

Aquelles surprehendentes artistas excedem tudo quanto em seu elogio possa dizer-se. A prova do que avanco está na enorme concorrencia que tem havido nos espectaculos em que tomam parte os distinctos americanos.

Fóra do palco, onde executam uma serie indiffinida de saltos, danças, mimicas, pantomimas, musica, etc, os irmãos Pinauds são trez distinctos *gentlemen* de conversação agradável, muito bem educados, muito affáveis, e muito engraçados.

De Coimbra voltarão ainda ao Porto onde os espera o entusiasmo publico a que pretendem corresponder.

—Segundo tem noticiado os jornaes, acha-se gravemente enfermo em Lisboa o meu presado amigo Xavier de Carvalho, um valente democrata e delicado artista. Todos aqui conhecem em Xavier de Carvalho, o elegante *Vaz das Chronicas alegres da Folha do Povo* e fazem justiça ao seu bello caracter e elevadissimo talento. É por isto que a noticia da doenca que o acomettem, foi aqui recebido com sentimento e dor pois que o enfermo conta aqui numerosos e dedicados amigos.

Fazem todos votos porque em breve cheguem as melhoras radicaes a este distincto cultor das letras.

—Tem sido innumerosas as felicitações dirigidas ao bravo filho d'esta terra, o major Luiz Quillinan pelo seu desafio ao deputado Bright que nos insultou miseravelmente no parlamento inglez.

Grande parte das associações scientificas, musicas, de socorros, muitos particulares e outras corporações tem enviado a Quillinan o seu applauso pelo acto de intrepidez praticado pelo illustre militar.

A academia do Porto, dirige convite a todos os academicos do paiz para a abertura d'uma subscrição afim de presentear o major com uma espada de honra. Igual facto vae praticar o municipio de Barcellos.

Prepara-se uma grande manifestação de sympathia no Porto, que hoje se orgulha de ter servido de berço a tão valente portuez.

—No dia 5 do proximo mez de maio deve subir á scena no theatro do Principe Real desta cidade, a engraçada revista do anno de 1882 que sob o titulo de *Etc. e tal* tem agradado delirantemente em Lisboa.

Como se sabe, esta peça é original de Antonio de Menezes o conhecido *Argus do Jornal da Noite* e affiançam-me que é uma poderosa *charge* ás maroteiras praticadas ahi no anno já decorrido.

Ha grande anciedade e parece-me poder afirmar que haverá grande copia de applausos a cobrir o trabalho do meu distincto collega do jornalismo.

—Corre por aqui que Silva Pinto, o conhecido e brilhante estylista portuense, vae aqui montar um jornal da indole do antigo *Diario da Tarde* para castigar os desaforos da seita negra, e affirmar os principios da eschola liberal avançada. Que este boato

seja em breve confirmado é o que eu dezejo é asseguro bello exito á empreza.

Sem tempo para mais.

Ciriacus.

LUIZ QUILLINAN

A ESPADA DE HONRA

Para a espada de honra que hade ser offerta ao intrepido militar Luiz Quillinan, pelos srs. Aurelio Navarro e Ignacio R. Ferreira, subscreveram os cavalheiros abaixo mencionados:

Fernando H. Christo, F. Antonio de Moura. Manoel H. Christo, Julio H. Christo, Lothario H. Christo, José Marques d'Almeida, A. Augusto Mourão, A. Marques d'Almeida, M. de Lemos, M. d'Almeida.

Somma..... 15000
Continua aberta n'esta redacção a subscrição destinada a tão sympathico fim, na qual ninguém pôde assignar mais nem menos que 100 réis.

Offerecemos o nosso folhetim, em que Edgar Poe descreve esplendidamente as torturas da inquisição, aos clericaes que pedem a vinda dos conventos e adoram o jesuitismo,
Leiam, vossas senhoras e talvez criem mais juizo.

Em 20 do corrente conduzindo uma recoveira que vinha do Porto, algumas caixas com fazendas destinadas a diferentes individuos desta cidade o guarda competente mandou abrir uma destas, mesmo na rua publica deixando passar as outras impunemente.
As excepções tornam-se sempre odiosas, e por isso pedimos a quem compete que olhe melhor por este serviço.

O nosso collega *O Seculo* recebeu do Golungo a seguinte manifestação, que publicou no seu numero de 19 do corrente:

A redacção do *Seculo*.

«Nós, abaixo assignados, sectarios da liberdade e democratas convictos, vimos felicitar o partido republicano pelo triumpho alcançado por um dos seus mais eminentes vultos, o grande tribuno dr. Manuel d'Arriaga, nas eleições supplementares do Funchal.
Gloria pois ao povo funchallense pela maneira como soube manter e demonstrar as suas convicções de independencia politica!!

Avante republicanos obreiros do progresso! Pois que só da vossa exaltação depende a salvação d'esta decadente provincia; sede pois o seu redemptor!

Golungo-Alto, 4 de fevereiro de 1883.

José Joaquim de Campos.
Antonio José Martins Contreiras.
Bernardo Lopes Teixeira.
José Pereira da Silva Neves.
Antonio José Gomes da Silva.
Caetano da Silva.

Recebemos e agradecemos o n.º 31 da *Galeria Republicana*, que publica o retrato de D. Maria Luiza Caldas, acompanhado da sua biographia, primorosamente escripta pelo sr. Ernesto Pires.

Tambem recebemos a historia da *Mão Negra*, de que é auctor o sr. David Marcello. É boa a impressão. Do merito da obra só fallaremos depois de concluímos a sua leitura. Agradecemos.

Foram de novo pedidos pelo sr. Mariano de Carvalho na camara dos deputados, explicações sobre o abuso praticado ás portas de Lisboa, onde se cobra o imposto do sal, devendo este ser cobrado nas saídas, como manda a lei.
Ainda agora estamos no principio. Que vexames nos esperarão.

Vaga pelas ruas de Lisboa a pedir esmola, segundo dizem diferentes jornaes daquella cidade, um pobre mi-

litar que cegou em serviço no ultramar.

Quem não ha de querer servir o exercito n'este paiz em que tão bem se sabe recompensar os que trabalham?

Não se sabe ainda ao certo se o sr. D. Luiz realisará em maio ou em junho a sua visita ao primo Affonso. Elle desejava ir em junho, mas o primo insta para que vá em maio.

Nós já nos vamos resignando, e por isso pode ir quando melhor lhe aprouver.

Na freguezia de Crespos, perto de Braga, levantou-se o povo capitaneado pelo regedor, contra o parochão.

O padre conseguiu escapar e dirigir-se a Braga, de onde partiu uma força para abafar o motim.

A origem do desaguisado attribue-se a questões antigas entre o parochão e os habitantes da freguesia, por causa de montados.

Deus os conserve em paz

A companhia equestre, gymnastica e acrobatica sob a direcção do sr. Ferroni, offerece-nos hoje o ultimo espectáculo no circo do Rocio d'esta cidade. Por ser a ultima funeção a companhia do sr. Ferroni apresenta novissimos e variados trabalhos, que deverão merecer os applausos do publico.

Devemos especialisar os arrojados e dificeis trabalhos de trapezio, e bem assim os surprehendentes saltos mortaes.

Os insignes artistas são dignos da protecção do publico em geral, attendendo aos variadissimos e arriscados trabalhos equestres e gymnasticos que executam com a maxima perfeição.

Aos cavallinhos!

Não passou de susto.

Na sexta-feira, petas 40 e meia horas da manhã, houve principio de incendio n'um predio de dois andares, sito na rua dos Mercadores, pertencente ao acreditado negociante d'esta cidade o sr. Norberto Ferreira Vidal.

O fogo principiou n'uma porção de roupa que se achava sobre uma meza, sendo promptamente extinto pelas pessoas da casa. Não foram precisos os socorros publicos.

Felizmente não houve prejuizos nem desgraças a lamentar, pelo que felicitamos o nosso respeitavel e presadissimo amigo.

Agradaram muito ao publico as duas recitas que, como antecedenentemente annunciámos, se effectuaram no nosso theatro, nas noites de 18 e 19 do corrente, indo á scena as duas operetas, *Noite e dia* e *Mascotte*. A affluencia foi grande. Muita gente deixou de entrar por falta de bilhete.

Sabbado á tarde indo uma pobre muther comprar bilhete á estação desta cidade, para o comboio que ia partir para o norte, apresentou a importancia marcada na tabeua, em cobre. O empregado recusou-se a entregar-lhe o bilhete e declarou que a só se recebia ouro ou prata. A mulher peou, supplicou porém tudo de balde. Se nao fosse um empregado da aianuega que estava presente e se ofereceu para trocar o cobre, tinha ella naturalmente de ficar sem seguir viagem.

Pedimos providencias para obstar a reproducção de factos d'esta natureza.

Segunda feira, 16 houve no Porto um conflicto entre o povo e o coadjutor da igreja Bomfim.

Saia o viatico a a um enfermo e o padre declarou que não iria pela rua do Visconde de Bobede, por haver ali uma capela evangélica. A confraria teimou em ir pela mencionada rua, succedendo ir ella por uma parte e o coadjutor por outra. O povo levantou clamores contra o padre, tendo este de reuignar-se na sacristia. Juntou-se muita gente á confraria que se diri-

giuá igreja; mais de tres mil pessoas a acompanhou dando morras ao padre. Foi requisitada força armada, comparecendo piquetes de infantaria e cavalleria municipal e muitos policias, conseguindo serenar o barulho.
Mau symptoma para a gente de batina.

Mais uma decepção para os monarchicos francezes. Estes apóstolos do *direito divino*, que vian na triplíce alliança da Prussia, Austria e Italia uma hostilidade para a França republicana, perderam mais uma illusão.

A *Gazeta da Alemanha do Norte*, órgão officiozo do sr. de Bismark diz que a sobredita alliança é simplesmente uma alliança defensiva e que de modo nenhum se di ige contra a França. A França republicana, accrescenta o mencionado jornal, não é um perigo para a Europa, como o seria a monarchia ou o imperio; pois rei ou imperador, carecendo de força e de sympathias n'um paiz essencialmente republicano, teria que buscar prestigio para sustentar-se, em aventuras estereiores, como o fez a Restauração, invadindo a Hespanha em 1823, e Napolião III provocando a guerra de 1870.

Mais uma esperança perdida!..

O sr. Presidente da camara dos deputados, dr. Luiz Vilar, está incommodado com uma dor de colica.
Estimamos os seus allivios.

Falleceu no convento de Cellas a ultima freira que ali existia.

Que o governo cumpra agora o seu dever.

O regimento de infantaria 18 do Porto, não tem capellão. É pena! Ora esta! Pois como está o regimento de infantaria 18 sem capellão?

Sr. Fontes, providencias! Não importa que muitas cadeiras estejam sem ordenado; o que é de interesse publico é que todos os regimentos tenham capellão.

Esta é do *Primeiro de Janeiro*. Boa na verdade!

O infante D. Augusto é esperado em Braga no mez proximo futuro. De maneira que ficamos sem um Bragança em Lisboa. Quem ha de assegurar a paz e tranquillidade do paiz?

O infante vae naturalmente levar alguma offerta para o templo do Sãmeiro.

Os professores primarios do concelho de S. João de Areias, ainda não receberam desde janeiro mais que 65450 reis. Uma verdadeira fartura.

Em Agueda continuam tambem estes desgraçados funcionarios sem receberem os seus ordenados.

Não se pedem providencias porque seria isso trabalho baldado. Enquanto estiver no poder o sr. Fontes, que vão jejuando os professores

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, viuva, irmãos, filhas e genro do fallecido João de Almeida, agradecem penhorados a todas as pessoas que se dignaram acompanhar hontem os restos mortaes do mesmo João de Almeida á sua ultima morada, confessando por esse motivo a sua eterna gratidão.

Aveiro, 29 de abril de 1883,

M. R. Ferreira de Almeida
A. José de Almeida
Anna Luiza de Almeida
Anna Augusta
Maria Adelaide
Carolina Augusta
João Ferreira Martins

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA
COM
OFFICINA DE SERRALHARIA
EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.
Preços sem competencia.

GRANDE NOVIDADE



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova machina de cozer de

LANÇADEIRA OSCILANTE

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Aguilha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem equal.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pesponto o mais bello e mais elastico. Todo o seu machinismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR DOZE ANNOS

PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

Para familias; para alfaiates; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscilante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaiates e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscilante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS

VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES

SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRATIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

AVEIRO

52—Largo da Praça—33

OVAR

E

Em todas as capitales de districto de Portugal

ARREMATACÃO

Domingo 22 do correr te mez das 11 horas da manhã, até ás 2 da tarde, no cemiterio publico d'esta cidade, será arrematada a construcção de um jazigo de familia d'Antonio José Lopes.

O projecto, condições e mais esclarecimentos estarão patentes no acto da arrematcação.

Aveiro, 10 d'abril de 1883.

Antonio dos Reis.

O AMANTE DA LUA

POR

PAULO DE KOCK

50 réis semanaes em Lisboa—Provinciase Ilhas 400 réis quinzenaes cada fasciculo de 80 paginas.

Assigna-se no escriptorio da empreza, rua da Atalaya 18 Lisboa, em todas as livrarias do Reino, e em casa dos srs. correspondentes da Empreza.

!NOVIDADE!

**Ourivesaria Manu-
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

N'esta officina executa-se com toda a perfeição e maxima brevidade toda a obra d'ouro ou prata.

Galvanisa-se toda a qualidade de metal, em obras.

Garante-se em todos os trabalhos a modicidade de preços.

Encomendas a

José Eduardo Mourão.

Galeria Republicana

Editor e proprietario
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis

Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500
Semestre ou 12 numeros.... 720
Trimestre ou 6 numeros.... 400
No acto da entrega..... 70
Numero avulso..... 100

Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros..... 1\$600
Semestre ou 12 numeros.... 800
Africa e estrangeiro accrece o importe do correio.
Brazil, anno ou 24 numeros (moeda forte)..... 3\$000

CONTRA OS JESUITAS

O memoravel e notabilissimo discurso

contra a propaganda jesuitica

Proferido pelo exm.º sr.

MARIANNO DE CARVALHO

Na sessão de 16 de março de 1883

Acha-se á venda em todas as livrarias e em todos os kiosques.

Os pedidos para revender, devem dirigir-se á redacção do «Zê Povinhc», rua de Santo Ildefonso 394, porto.

A MÃO NEGRA

HISTORIA DA TERRIVEL SEITA

Assigna-se na Imprensa Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias.

Por volume 400 réis—aos fasciculos 50 réis.

SERÕES ROMANTICOS

EMPRESA EDITORA—BELEM & C.^a

Lisboa—26, Rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa

MYSTERIOS D'UMA HERANÇA

ULTIMA publicação de Xavier de Montépin, auctor do romance—O FIACRE N.º 13.

1.ª parte—A Herança de Renée.

2.ª parte—Crimes sobre crimes.

3.ª parte—Expição.

Edição ornada com chromos a dez côres e com magnificas gravuras. Cada chromo 10 réis. Um brinde a cada assignante no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio da empreza editora BELEM & C.^a rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

OBRAS POLITICAS

DE

LEON GAMBETTA

Primeiro volume

CARTAS E PROCESSOS

Acha-se á venda em todas as livrarias.—Por assignatura, 300 réis cada volume—Avulso, 400 réis.—Provincia, ilhas, Africa e Brazil, accrece o porte do correio.

No prelo, o segundo volume—O Processo do Baixo Imperio

Todos os volumes são completamente desligados uns dos outros.—retratos de Gambetta, em meio corpo, lytographados em papel especial, 300 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a Alcino Aranha, editor, Rua de Cima da Villa, 23, Porto e em Lisboa F. N. Collares,—Rua da Atalaya n.º 18.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO ANTONIO DE SOUZA
4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

ERNESTO CHARDRON—Editor

NO PRELO

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

Poema inedito

DO JUDEU PORTUGUEZ

Antonio Serrão de Castro

PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Para entrar brevemente no prelo:

OS BROGAS

ROMANCE

CHRONICA DE UMA FAMILIA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TELXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA		BISCOITOS	
	KILO		KILO
D. Luiz	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canella 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» 2.ª	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corôas a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.